

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI**

**CURSO DE HISTÓRIA**

**CAMPUS DE PARNAÍBA**

Andreza de Melo Silva

**A MEMÓRIA SOCIALMENTE COMPARTILHADA PELA ASSOCIAÇÃO  
DAS PROFISSIONAIS DO SEXO DE PARNAÍBA/PI – APROSPA (2007-2012)**

**PARNAÍBA-PI**

**FEVEREIRO/2013**

**ANDREZA DE MELO SILVA**

**A MEMÓRIA SOCIALMENTE COMPARTILHADA PELA ASSOCIAÇÃO DAS  
PROFISSIONAIS DO SEXO DE PARNAÍBA/PI – APROSPA.(2007-2012)**

Monografia apresentada à Universidade Estadual do Piauí, Campus Alexandre Alves Oliveira, como pré-requisito para obtenção de nota na disciplina Monografia II, sob a orientação do Professor Dr. Roberto Kennedy Gomes Franco.

**PARNAÍBA-PI**

**FEVEREIRO/2013**

TERMO DE APROVAÇÃO

ANDREZA DE MELO SILVA

**A MEMÓRIA SOCIALMENTE COMPARTILHADA PELA ASSOCIAÇÃO DAS  
PROFISSIONAIS DO SEXO DE PARNAÍBA/PI – APROSPA. (2007-2013)**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual do Piauí, campus de Parnaíba, como requisito para a obtenção da graduação.

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA:

---

**Prof. Dr. Roberto Kennedy Gomes Franco**

**Orientador**

---

**Prof. Msc. Salvador Tavares de Moura-UFMA**

**Examinadora 1**

---

**Prof. Dr Clódson dos Santos Silva**

**Examinador 2**

## AGRADECIMENTOS

Dedicação especial ao meu filho Carlos Heitor a quem amo incondicionalmente, por todas as dificuldades e superação para sobreviver e permanecer juntos a nós proporcionando tantas alegrias, ao meu esposo companheiro de curso e das horas difíceis, aos meus pais que são meu porto seguro, a quem amo e agradeço pelo apoio em todas as horas e formas que precisei, familiares que me apoiaram na minha trajetória estudantil.

A minha mãe quem foi minha primeira professora, rígida a quem tecia tantas críticas, porém hoje a vejo como uma grande educadora.

Ao meu caro orientador Roberto Kennedy, pela compreensão nas etapas difíceis às quais tive que passar, pelas cobranças, broncas e incentivo, agradeço também aos meus colegas da psicologia pela força e amizade, aos meus companheiros de turma por quem tenho grande estima.

A obrigada à professora Meyre Angélica Tourinho, uma pessoa especial que teve que nos deixar precocemente, porém deixou grande exemplo de pessoa como também de profissional, a todos os professores que fizeram parte de nossa formação acadêmica.

Obrigado a obstetra Hendeson e toda sua equipe que juntos me salvaram de um quadro de pré-eclâmpsia, a enfermeira Fátima da maternidade Dona Evangelina Rosa e a psicóloga Lídia que me ajudaram a sair de um quadro de depressão pós-parto.

As componentes da Associação das Profissionais do sexo de Parnaíba, pela autorização compreensão para que a pesquisa fosse desenvolvida, em especial a dona Lurdinha, obrigada a todas as profissionais do sexo que de alguma forma contribuíram para a concretização de uma pesquisa desafiadora e gratificante.

Agradeço imensamente a todas as Profissionais do sexo que fizeram parte desta pesquisa, me aceitando em seus locais de trabalho, passando conhecimento e se colocando disponíveis em diversos momentos. Obrigada também pelas conversas informais, pelos momentos de descontração e pelos risos.

Enfim dedico a todas as pessoas que contribuíram diretamente ou indiretamente, todos que me criticaram construtivamente.

A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada.( Halbwachs)

## **RESUMO**

A presente pesquisa, intitulada: “A memória Socialmente Compartilhada Pela Associação das Profissionais do sexo de Parnaíba”, fruto de um projeto PIBIC-UESPI (2011-2012), estudo esse de caráter Histórico Social, fundamentando-se especificamente na História Oral Temática, na medida em que como recurso que permite obter conhecimento e fundamentar análises históricas com base inéditas em determinado tema em especial gênero especificamente prostituição feminina na Contemporaneidade teve como objetivo levantar o histórico da Associação das profissionais do sexo de Parnaíba, cuja criação em 2007 com intuito primordial da luta pela conquista de direitos, e defesa da dignidade humana, especialmente a proteção contra discriminações e quaisquer outras formas de opressão, contribuindo permanentemente para a valorização das profissionais do sexo de Parnaíba.

**Palavras-chaves: Profissionais do sexo; Associação; Memória.**

## **ABSTRACT**

This research, titled: "Socially Shared Memory Through Association of Sex Workers of Parnaíba," the result of a project PIBIC-UESPI (2011-2012), this study Social History of character, stating specifically the Oral History Thematic insofar as they feature which gives knowledge base and analyzes historical novel based on certain theme in particular gender specifically female prostitution in Contemporary aimed at surveying the history of the Association of sex workers Parnaíba, whose creation in 2007 aiming primordial the struggle for rights and human dignity, especially protection against discrimination and all other forms of oppression, continuously contributing to the enhancement of sex workers from Parnaíba.

**Keywords:** Sex workers; Association; Memory.

## SUMÁRIO

Meus Agradecimentos	04
Resumo	06
Abastract	07
Capítulo 1	
1 - História, Corpo e Gênero e Prostituição	13
1.2 – Rememorando Histórias da Prostituição em Parnaíba (1970-1990)	14
1.3_ Caracterização Histórica Da APROSPA Em Parnaíba	18
Capítulo 2	
2 – Processo de Tomada de Consciência-APROSPA	26
Capítulo 3	
3 – Memorial da experiência das profissionais do sexo de Parnaíba	31
3.1 - Maria de Lurdes presidente da Associação;	33
3.2 - Raimunda Silva (Bar do Chaga)	35
3.3 - Francisca Aparecida Brito (Casa sem reboco)	36
5 – Considerações Finais...	38
6 – Fontes e referências bibliográficas	40
7 – Anexos	42

## INTRODUÇÃO

A memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados.

Alessandro Portelli (1997, p. 16)

Esta Monografia é Gestalt de uma trajetória histórica, na condição de pesquisadora, mediante a possibilidade da elaboração de um trabalho científico com pesquisa social voltada para o curso de História, e ainda, movida por um potente desejo com emergências do inconsciente, passei a trabalhar metodologicamente com história oral temática de mulheres, mediante os referenciais teóricos da história social.

Categoricamente legitimamos nosso conceito de pesquisa em história social, ao afirmar que, a história social, tem: “como problema central os modos de constituição dos atores históricos coletivos, as classes, os grupos sociais, as categorias sócio profissionais e, de suas relações que conformavam as estruturas sociais”, (CASTRO, 1997. p.54).

Assim, a história social embasada pela arte da problematização, distanciando-se da narrativa de fatos heroicos da escola positivista, por exemplo, tendo em vista a elaboração de novas questões, de uma leitura dos documentos e da exploração de novas fontes, reconhecimento e prospecção de novos campos de investigação (DUBY, 1988, p. 130).

A escolha de uma historiografia social voltada aos estudos do gênero feminino traz um valor estimado a campo da história, pois domésticas, vendeiras, operárias, as prostitutas compõem um grupo excluído, quando aparecem normalmente em discursos oficiais produzidos por autoridades masculinas. Deste modo, a prostituição feminina foi o tema selecionado para a escrita destas histórias.

Para tanto, tomamos como referência teórica o conceito desenvolvido por Alessandro Portelli, sobre o trabalho com história oral, ou seja, a categoria, hoje amplamente desenvolvida por pesquisadores de áreas de conhecimento diverso de “*memória socialmente compartilhada*”.

Então, de maneira interdisciplinar, cruzando os aprendizados do curso de História na UESPI e de Psicologia na UFPI, passei a pesquisar sobre uma memória social da qual faço parte. Como neta de prostituta, desde a infância foi me negado o

direito de questionamento e conhecimento sobre o ocorrido em virtude do fato de minha avó filha de latifundiários maranhenses, ter abandonado o conforto familiar e correr em busca de uma paixão por um cearense, moraram juntos na capital maranhense durante dois anos, onde nasce minha mãe. Após desilusão amorosa volta para o encontro com a família, mas, é rejeitada em plena década de 50 e a partir de então passa anualmente a ter um filho por ano de homens diferente.

Uma vez que não haveria uma história *das mulheres* separada da história *dos Homens*. Era preciso analisar também o processo de construção social e histórica das identidades de gênero e as relações de poder nele imbricados (DEL PRIORE: 1998 pp.217-235; SCOTT: 1995 pp. 72-74).

Psicologicamente, isso gerou em minha história de vida, um sentimento de angústia e curiosidade de caráter investigativo. Então, senti inexplicavelmente o desejo de embrenhar como pesquisadora pelas noites Parnaibanas a procura de compreender o mundo, o espaço de rejeição, de negação, de silêncio dentro do espaço familiar que estou inserida, pois:

Os comportamentos femininos não podiam ser dissociados de uma estrutura global, montada sobre uma rede de tabus, interditos e auto constrangimentos sem comparação com o que se vivera na Idade Média. Adestrar a mulher fazia parte do processo civilizatório e, no Brasil, este adestramento fez-se a serviço do processo de colonização. (DEL PRIORE, 1993, P.27).

O trabalho de exploração tomou forma de uma pesquisa de campo que uniu informações de várias áreas do conhecimento humano, entre elas, a biologia, a sociologia, a psicologia e obviamente a história.

Deste modo, ainda com base em Alessandro Portelli, no fato “*a história oral e as memórias não oferecem um esquema de experiências comuns, mas sim um campo de possibilidades compartilhadas reais ou imaginárias*”. Este foi o ponto de partida da pesquisa assim denominada de *Memória Socialmente Compartilhada*.

Portelli nos educa a não encara a história oral como instrumento para fornecer informações, sobre o passado, o que lhe interessa é a subjetividade dos narradores. Não o resgatar da fala dos dominados ou dos dominadores, o ineditismo, ou mesmo o preenchimento de lacunas que interessa, mas sim a recuperação do vivido, segundo a concepção de quem viveu.

## 1. História, Corpo e Gênero e Prostituição

A prostituição é a cristalização da promiscuidade com fins mercantilistas. À tradição e aos costumes não repugnava – nunca repugnou – a poli gênia e poliandria, isto é, as relações sexuais de um homem com muitas mulheres e destas com muitos homens. O mercantilismo aproveitou-se dessa disposição natural, para fins comerciais, rodeando a prostituição de leis, de privilégios, de repressões de tabus, que visavam e visavam proteger o negócio.  
(JAIME BRASIL1932)

Historicamente a organização de grupos sociais ao longo dos tempos tem propiciado inúmeras reflexões, sobretudo, porque a forma como os indivíduos produzem materialmente sua existência nos possibilita entender inclusive como uma parcela da sociedade que muitas vezes nessa produção ver-se, afastadas desses mínimos meios, fazem, por exemplo, uso do próprio corpo como instrumento de troca pela sobrevivência através do sexo. Segundo Mary Douglas, “O que esculpimos na carne humana é uma imagem da sociedade”.

A este respeito (LE BRETON, 2006, p. 31, 94), afirma que:

No fundamento de qualquer prática social, como mediador privilegiado e pivô da presença humana, o corpo está no cruzamento de todas as instâncias da cultura.

Vale ressaltar aqui que às mulheres foram relegadas sempre um papel secundário, em nossas organizações, embora que a relação com a prostituição seja tão antiga quanto ao próprio ato sexual entre indivíduos. Muitas mulheres, a bem da verdade, segundo relatos, estão na profissão por desfrutar de uma forma de prazer ou liberdade de se mostrarem como mulheres, já outras foram levadas a esta condição por inúmeras histórias de encontros e desencontros experienciados por elas.

E a esta outra parcela que se depara com as mais diversas, formas de opressão machista e patriarcal, que do ponto de vista histórico foi imprimindo ao corpo feminino técnicas que o moldaram segundo as conveniências sociais, relegando a mulher um papel social, de subserviência em um ambiente privado o lar, daí então toda forma de subversão dessa ordem ainda é vista como um desvio que muitas vezes pune com o preconceito exclusão e outras formas de opressão do gênero feminino.

E isto pode ser percebida pelas informações empíricas trabalhadas nesta pesquisa. Como em nossa sociedade mulheres tem que vender seu próprio corpo como mercadoria expondo dessa forma o potencial mercadológico.

Para (CRESPO, 1990) o corpo não é um dado imutável, antes se revelando na sua historicidade, sendo a origem e o resultado de um longo processo de elaboração social.

Deste modo a compreensão dos direitos historicamente negados de maneira mais profunda é de extrema importância, afinal de contas, analisando como dito antes a forma de organização de grupos sociais, dito de outra maneira perceber como nos organizamos em sociedade procurando enxergar as raízes profundas de suas desigualdades em especial as contradições que “a memória socialmente compartilhada da associação das profissionais do sexo de Parnaíba”, nos permitem perceber a partir dos relatos que concentramos esforços em colher e analisar.

Dessa maneira, é fundamental analisar o percurso que ao longo dos tempos a prostituição em Parnaíba desde seu glamour a até o seu declínio passou ao longo dos tempos é de fundamental importância o declínio da profissão desde o seu rico passado até nossos dias, permite perceber também como este evento se desenvolveu para que germinasse uma forma de organização sobretudo na consciência por melhores condições de vida e luta por direitos da APROSPA (Associação das Profissionais do Sexo de Parnaíba).

Em nossa compreensão o associativismo possibilita a grupos em face de uma ameaça ao enfrentamento político por ganhos coletivos. Desta feita Marx ao falar da produção da consciência, debate a consciência em si como sendo um ato acrítico desconectado do todo complexo, enquanto a consciência para si permite aos indivíduos engajarem politicamente na luta pela melhoria de suas condições de vida.

Os caminhos da prostituição em Parnaíba guardam na memória uma parte importante da história local e de vida de como se desenrolava as relações sociais públicas e privadas, testemunhos de uma época.

De acordo com análises históricas sobre a prostituição feminina, percebe-se o quanto é desafiador e interessante enveredar por um caminho movediço. Percebe-se que a prostituição constitui-se de um fenômeno histórico, cultural e econômico, uma atividade desenvolvida nos períodos iniciais da humanidade, segundo (Roberts, 1992), observa-se em civilizações datadas em 3.000 A.C.

Deste modo segundo Jaime Brasil:

A prostituição correspondeu em determinado momento a uma necessidade social? Evidentemente. Se assim não fosse não teria surgido. A civilização e as suas consequências: o urbanismo, a sociedade privada, o mercantilismo, a

acumulação de riquezas, o pauperismo, alteram o ritmo natural da vida e necessariamente o das manifestações sexuais. (JAIME BRASIL 1932).”

Roberts também aponta que em civilizações matriarcais, tal prática representava à concretização do sagrado e praticado por deusas, com o patriarcalismo o pecaminoso foram atribuídas, as mulheres a restrição de que somente com o casamento poderia ser exercida a atividade sexual, quem não se enquadrasse nesse perfil era considerada prostituta, porém segundo Roberts, (1992), cabiam às prostitutas a liberdade para obtenção de conhecimento intelectual e diferenciavam-se das outras mulheres por independência financeira.

Na Grécia Antiga, a prostituição tornou-se prática lucrativa e o estado passou a controlá-la criando estabelecimentos específicos como os bordéis (ROBERTS, 1992). Nesse período entra em cena a figura das meretrizes, mulheres estas que agenciavam o negócio e tornavam-se poderosas financeiramente ganhando com isso os ambientes públicos o poder de ir e vir diferentemente das esposas.

Tem-se a prostituição caracterizada comumente como uma troca de favores sexuais por “benefícios”, na maioria dos casos por ganhos financeiros. Na história é marcada como uma das profissões mais antigas do mundo. Todavia é certo que as mudanças socioculturais ao longo dos séculos trouxeram modificações. Nas primeiras civilizações, até mesmo na Antiguidade Clássica, existia uma compreensão da prostituição, tratamento muitas vezes vinculado ao sagrado, em razão da conexão imagem da mulher com a noção do divino trazida pela possibilidade de procriação feminina.

Tratamentos completamente diversos do pragmatismo dado hoje pela civilização Contemporânea, onde a prostituição é marcada como algo pecaminoso pela comunidade cristã, uma profissão que carrega em si preconceitos e discriminações, gerando um processo de exclusão desses indivíduos que a exercem. Pós-Antiguidade Clássica a posição da mulher é levada como submissa a do homem, principalmente em decorrência do regime de poder patriarcal, o que facilitava de certo modo a procura pelos homens principalmente, de prazeres sexuais com profissionais do sexo fora das uniões estáveis.

A partir do século XIX com a Revolução Industrial houve uma grande entrada da mulher no mercado de trabalho, mas sempre em declive em relação as condições do homem, o que gerou uma procura de mulheres pela prostituição para sobreviver.

A prostituição feminina marca o inverso da frigidez e do recato feminino. “Daí surge, para os homens, a necessidade, a justificativa de procurar o prazer em outro lugar: amantes, prostitutas, mulheres sedutoras das casas de má fama [...]”. (PERROT, 2007, p. 65).

Desde tempos mais remotos, a prostituição no imaginário social é considerada como exercício de grupos sociais de baixa renda, onde entre as causas que os levam a se prostituir destacam-se fatores econômicos e a baixa escolaridade. Em um primeiro momento, a prostituição é uma saída provisória à espera de um trabalho regular. Entretanto, em razão da falta de qualificação profissional para o início no mercado dito como regular, a prostituição continua como a única possibilidade de sobrevivência. Entretanto, não se nega o crescente avanço dessa atividade em grupos sociais elevados como comunidades estudantis de nível superior ou mesmo não se pode deixar de falar nas “damas de luxo” altamente capacitadas para atender públicos da elite social.

São por estes caminhos que agora falaremos sobre a relação História, Corpo e Prostituição em Parnaíba.

## **1.2. REMEMORANDO HISTÓRIAS DA PROSTITUIÇÃO EM PARNAÍBA (1970-1990)**

Durante a graduação tive a oportunidade de trabalhar com transcrição de fitas sobre a temática de prostituição em Parnaíba, deste modo, através das entrevistas cedidas ao professor Erasmo Amorim, que serviram como fundamentação teórica em sua Dissertação de Mestrado intitulada: “**MEMÓRIAS DO CAIS: Parnaíba, a cidade, o rio e a prostituição (1940-1960)**”, encontrava-se, por exemplo, o eixo de prostituição no bairro Tucuns, onde outrora, nos anos de 1970, grande escoamento da charqueada e da cera de carnaúba, Tucuns as margens rio Parnaíba próximo ao cais constituía-se uma zona de prostituição, um desses locais era o cabaré da Vicença, ela era uma mulher de fibra dona de bordel cobiçada por muitos que acaba se apaixonando por um boêmio, tendo assim que sustenta-lo, Augusto passa a oferecer no seu cabaré panelada, feijoada, após falecimento da amada assume o negócio e deslança, gradativamente após a morte de Vicença vai mudando passa de Cabaré para discoteca:

Gradativamente foi mudando daquela vida de profano para negócio de música, negócio de discoteca disco vinil famoso olha toda absoluta certeza de repente chegava uma comissão você sabe onde é não era nada mais nada menos que uma comissão de franceses, comissão de ingleses e americanos e alemão vinham da Europa para conhecer o Augusto, o Augusto se você como eu da minha geração que tenha visto taenha vivido os últimos dias do Augusto(FRANCISCO SOBRINHO VICENÇA)

Augusto era um homem de estatura baixa, o ambiente onde administrava era respeitado pelos frequentadores, se alguém chegava sem camisa não entrava, tinha-se respeito para com sua figura.

Com base em depoimentos colhidos pelo professor Erasmo Amorim em 2011, com Dalva e Francisco, ambos, filhos de ex- donos de prostíbulos na década de setenta pode-se observar em suas falas transcritas por mim voluntariamente, que Francisco descreve o fato de que com a enchente de setenta e quatro as putas foram retiradas da munguba assim denominado a zona de prostituição, próximo ao cais, sendo as prostitutas levadas todas para o Rio Chique, que era um cabaré localizado no bairro Coroa. Segundo que eles tal estabelecimento ficava num prédio de dois andares de aproximadamente 30 metros, um prédio cheio de quartos um barzinho com salão.

Ao descrever o cotidiano dos bordéis, Francisco remeteu o fato do seu pai ser policial, que morava na vila dos soldados próximos à penitenciária:

(Francisco) – a família da gente foi aumentando em 1971, ele tinha um dinheiro não me lembro qual era o valor, ele alugou um quarto, não, uma sala num lugar chamado cabelouro. O cabelouro ficava onde hoje é o balão da Guarita , pois ali não tinha um curral, o trem trazia de Teresina pra cá trazia muito gado, lá tinha curral e sempre veie os homens e aquelas coisa toda e sempre de lado tinha umas casas não sei quantas casas oito dez casas, onde tinham um barzinho. Meu pai alugou esse ponto, comprava cachaça uma radiola portátil onde tocava os discos vinil e ai naquela a economia do Brasil o agradecimento foi justamente na economia dos anos 70. O dinheiro não faltava ai tinha como gastar então iam gastar na putaria e ai ele começou a ganhar dinheiro então ele foi progredindo do bar desse barzinho de lado do cabelouro, lá de noite tinha tudo apareciam as mulheres só Deus sabem como é que faziam ele, ele deixa eu ver setenta , setenta e dois o setorzinho ali da lagoa do bebedouro conhecido como cidade sem Deus, então esse, esse setor foi praticamente inaugurado por ele em 1972, passava uma novela se eu não me engano na TV tupi, chamada cidade sem Deus uma novela Mexicana se eu não me engano, então ficou lá com as casas tinha o salão o bar e assim por trás alguns quartos, assim como te falei no começo, os caras ia lá, tomava, pegava as mulheres desciam lá para o movimento.

Então meu pai praticamente criou o movimento da cidade sem Deus, como eu te falei ai foi progredindo e em 1973, ele alugou um ponto ali hoje, entre a Coronel Joaquim Antônio, deixe me ver, Senador

Furtado então uma área grande tipo um cabaré, a gente passava da Joaquim Antônio lá para Senador Furtado e lá também muita casa, casa bem feita é rústica de barro de palha, lá que começou esse movimento um bar com mulheres, é como eu te falei lá é também um grande setor dos cabarés, lá meu pai também começou ele alugou um ponto de uma mulher chamado Santinha que era também dona, uma madame, ele alugou um ponto, o que ele fazia como era uns quatro, cinco cabaré por lá as mulheres ficavam, aqui lá as mulheres ficavam por um algum determinado tempo né ai os homens enjoavam mudava para outro setor ficava a troca e a briga entre os donos porque geralmente chegava, não eu te ofereço uma condição melhor, ai ficava sempre trocando eu acho que em setenta e cinco setenta e seis ai foi que esse movimento cresceu mesmo ficou mesmo uma coisa bem grande o movimento de todo setor na guarita. Tínhamos um local chamado Figueira, já ouviu falar da Figueira ?Figueira também no centro, também tudo desse mesmo jeito, tudo bem parecido, desse mesmo jeito, só mudava o local da cidade tinha uma casinha um barzinho uma mesinha e uns quartos mais ou menos isso o aspecto dos cabarés daquela época tinha a figueira, a figueira era uma regiãozinha com vários ainda hoje se você passar por lá, você ainda encontra alguns quartim, antes de chegar na três de maio você ainda encontra desse lado esquerdo muito quartim, então é daquela época, daquele estilo quartim, as mulherzinha tinham lá o quartos delas, pegava os caras e iam pra lá também ali na guarita nos temos a beleza da rosa, beleza da rosa também foi um movimento muito muito grande.

Como podemos analisar da fala de Francisco, muitas são as histórias da prostituição em Parnaíba, ele ainda descreve o fato das rapigas, ao seu ver, andarem muito chiques. Comenta que na época do carnaval vestiam umas fantasias, tinha uns bailes orquestrados pelo senhor Bernardo Caranca, segundo ele o movimento era grande, só veio diminuir no início da década de oitenta com uma crise financeira que atingiu o Piauí, o dinheiro ficou escasso, assim acabou uns dos maiores e glamorosos prostíbulo o Guarani e o Estrela:

O guarani foi um dos cabarés mais famoso de Parnaíba onde tinha se eu não me engano 14 mulheres seis mulheres de confiança, aquelas mulheres que tinha os homens delas, os homens mais ricos da cidade, então elas não podiam ter outros, não podiam fazer o ato sexual, mas elas podiam beber com os outros que chegavam para dar lucro para a casa, só ficava com aqueles homens pagavam o quanto, ah, ah, como é que diz ah, elas podiam beber com outros só não podiam era transar, era só dele então essas mulheres ganhava muita jóias muitas roupas boas e as outras que eram mais feias, mais pobres mais cheias de tudo, ficavam com todo mundo elas ficavam em pé esperando os homens entrar e aquelas que eram reservadas ficavam só sentadas esperando aqueles homens se aproximar para beberem com eles ai esse ai é o cabaré do guarani, tinha vez que eu estava lá e via elas de peruca, bem pronta não falavam nome feio, não sorria alto e fumavam cigarro na

cigarrilha para não ficar com as mãos fedendo, justamente você lembra disso também? O que eu mais me lembro delas? Sapato bico fino, salto Luís XV aquele salto agulha, o que mais lembro delas é das brigas pelos homens, para tomar os homens das outras, quando um tinha mais dinheiro ou quando eu só queria ser gigolô, guardava gilete em baixo da língua, a puta usava navalha, eu lembro que a Graça cú de mola, olha só o nome da puta, cú de mola por que? Porque a bunda era muito grande e ela rebolava e botava graça cú de mola, escondia a gilete debaixo da língua, tinha a Piedade que era famosa era de um policial chamado Estevam;(FRANCISCO).

Vemos assim múltiplas possibilidades de análises desta fala, desde relações das profissionais do sexo com dinheiro, até disputas amorosas. Com relação ao funcionamento, dando uma descrição geral dos termos e do funcionamento dos cabarés, Francisco:

Então era assim quando elas viam dos outros cabarés eles sempre tinham outro débito lá né, hoje a questão da escrava sexual um cidadão pega leva para algum lugar ai diz você ta me devendo tanto ai eu só libero se você me pagar geralmente as mulheres iam para outros cabarés ai ficavam devendo alguma coisa lá ai então aquele novo dono daquele cabaré fica sendo o dono dela então lá dentro como era que funcionava, o papai tinha dez quartos mais ou menos na época era como hoje os motel, tinha um banheiro lá fora, dentro do quarto mesmo tinha uma mesinha com varias garrafas, uma garrafa d`gua uma bacia e o sabão então na hora que terminavam lá ela mesmo lava o homem e as partes dela né, e ai como ela pagava, o quarto era do dono do cabaré e ai o que o homem desce pra ela ou se ela desce de graça era problema dela o que ele ganhava era só o do quarto, ela também tinha obrigação de ajudar nas vendas das bebidas então todo homem que chegasse lá ela tinha obrigação de chamar logo, vem cá meu amor você tá tão bonito, você não quer beber nada não ,quero ai já ia descendo cerveja, a cerveja lá era sempre mais cara que qualquer outro lugar se custava cinco lá era dez o refrigerante tudo era mais caro, eles faziam isso então era ai que elas ajudavam o dono do cabaré (Francisco).

Percebe-se na fala de Francisco, comparativamente a “memória socialmente compartilhada” (PORTELLI, 1997), do ontem e do hoje sobre a história da prostituição em Parnaíba. Na situação de filho de dono de prostíbulo na década de setenta descreve sucintamente recordações, essas que passam a serem compartilhadas, quando lhe foi perguntado sobre passo a passo como se constituía-se um programa, ele diz:

A chave era chave do quarto é como que hoje a gente vai para o motel né, o quarto é tanto reais e tinha um tempo não podia, essa história de passar duas horas não era contado, quando a mulher entrava ela só fazia abrir as pernas, vão bora meu filho tem outro esperando, não tinha tempo da gente esperar não, vão bora meu filho, que tem outro esperando não era ah meu amor, não

dava tempo nem de beijar não era só vucu, vucu, vucu. Porque provavelmente já tinha alguém na fila. Quando a mulher era bonita fazia fila, eu digo que fazia fila porque eu cansei de ver, pivete de treze, quatorze anos a gente ia tinha muita mulher bonita mesmo menina de 13, 14 anos de idade, umas bicha boa, bonita mesmo, se você tirasse do ambiente botasse em outro lugar ia fazer show mesmo essas com certeza, elas faziam oito, dez quartos por noite, eles ganhavam muito dinheiro, bonita novinha né, quatorze, quinze ano naquela época tinha muita convivência da policia, hoje logo que a gente tem prostituição infantil, então com certeza quem se envolve mais naquela época ai a policia, é encontrei muita dessa corrupção a policia chegava ai olhava esquentando não, então o policial tirava um dia de folga e ia trazer com a mulher acho que não pagava nem a mulher e ai o Cabaré Estrela funcionava assim, aí o papai dava o café da manhã, o almoço e a janta e ajudava em alguma coisa, se precisava comprar roupa ai comprava a roupa, ele pagava e ai ela pagava pra ele, funcionava assim, esse era o sistema, por exemplo quando chegava um cara pegava a mulher e dizia não quero ficar aqui não, quero sair, ai o cara pagava a saída, primeiro conversava quanto era saída e logico você tá usando a mercadoria do cidadão lá, você vai sair mais vai ter que pagar tanto se for passar a noite tudo tinha esse esquema se fosse só no Guarani só da uma volta lá pronto, pagava só o equivalente a uma chave, não eu vou pra praia vai demorar mais tempo vai dormir por lá e chegar de manhã, então vai pagar mais vezes, acontecia do cara não pagar nem a saída, nem quarto nem a bebida e a mulher que tinha que pagar porque ela era responsável, também por essa parte.

Deste modo, analisando as vivências as falas de personagens importantes, conviviam com seus familiares dentro do ambiente da prostituição, memórias estas antes desconhecidas pelas riquezas de detalhes, podendo-se vivenciar detalhes sobre a história da prostituição em Parnaíba, memórias estas que passaram a ser Socialmente Compartilhadas.

### **1.3. CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICA DA APROSPA EM PARNAÍBA**

No Brasil o marco inicial da mobilização das prostitutas está no I Encontro Nacional das Prostitutas realizadas no Rio de Janeiro, em 1987, quando foi criada a Rede Brasileira de Prostitutas. Essa mobilização contribuiu para a conscientização da capacidade de organização da categoria na cidade, já que logo após esse encontro seria criada a Associação das Prostitutas da Vila Mimosa, em 1988, por conta da prevenção de seus locais de trabalho contra a demolição.

Em 2002, o Ministério do Trabalho e do Emprego elevou a categoria “*Profissional do Sexo*” à condição de ocupação (Classificação Brasileira de Ocupações – CBO). De acordo com os dados contidos na Classificação Brasileira de Ocupações (Código N°. 5198), é comum a contratação de prostitutas para apenas relaxar o cliente

com massagens, representar papéis, inventar estórias, dar conselhos a clientes com carências afetivas, fazer carícias, fazer streap-tease, realizar fantasias eróticas, acompanhar em festas, bares e reuniões, etc.

Integrando este contexto, a APROSPA é uma organização não governamental, criada em 2007 visando organização da classe das profissionais do sexo, acompanha atualmente 200 mulheres, funciona como uma espécie de porto seguro, articulador do grupo com o todo social. Situada na Rua Passajarina nº 247 bairro Pindorama COAS / CTA – Centro de Orientação e Aconselhamento em Saúde, CNPJ – 09.462.286/0001-00 Fundada em 25/05/2007, Telefone: pra contato: (086) 3323 – 2008 E 9495 –9329, CEP: 64215-530 Parnaíba – Piauí

Em decorrência de uma visita - registrada em ata do dia 23 de maio de 2011 – à Associação das Profissionais do Sexo de Parnaíba (APROSPA), com início às 16 horas no bar Asa Branca, com aproximadamente vinte mulheres, e por uma identificação com esta temática, adentrei ao campo da pesquisa, através de uma análise das ações promovidas pela citada associação, entre os anos de 2007 (data da sua fundação) e 2012. Na ata de fundação, observa-se que a finalidade da instituição é a: “contínua luta pela conquista de direitos, e defesa da dignidade humana, especialmente a proteção contra discriminações e quaisquer outras formas de opressão, contribuindo permanentemente para a valorização das profissionais do sexo de Parnaíba”.

A partir do contato com a APROSPA, observa-se a existência de um expressivo número de prostíbulos em Parnaíba onde as *Profissionais do sexo*, como assim se denominam integram a História Social PARNAIBANA e aponta deste modo para modificações ocorridas na atualidade, no referente às organizações políticas, onde grupos específicos percebidos como “minorias” sociais vêm ganhando mais visibilidade, pois:

A modernização da sociedade brasileira tem atingido de maneira diferente os diversos grupos sociais e produzido várias formas e níveis de conflito. Em geral, os segmentos da população que conseguiram se organizar e se mobilizar ganharam projeção política e espaços de interlocução com as instituições do Estado, diretamente ou com a ajuda de mediadores que reconheciam a legitimidade de suas reivindicações. (GIULIANI, 2002, P. 641).

A organização de trabalhadoras do sexo expressa esta conjuntura. No final do século XX especificamente no ano de 1987, ocorreu o primeiro Encontro Nacional de Prostitutas - decorrendo daí criações de Associações Estaduais - tendo como pauta

assegurar benefícios junto ao Estado, promovendo a articulação política do movimento organizado de prostitutas, fortalecendo a sua identidade profissional visando o pleno exercício da cidadania, reduzindo o estigma, a discriminação e melhorando a qualidade de vida das mesmas na sociedade. Cabe considerar que na legislação brasileira a prostituição não consta com crime, só não sendo permitida, a exploração da prostituição por terceiros, intermediários e estabelecimentos comerciais. Foi a partir de então que após entrar em contato com as integrantes e pedir uma autorização para frequentar as reuniões quinzenais das associadas, APROSPA-(Associação das Profissionais do sexo de Parnaíba-PI).

A produção do trabalho se evidencia voltado para a prostituição em Parnaíba que é um levantamento Histórico e psicológico do cotidiano dos prostíbulos na Contemporaneidade em Parnaíba, logo surgiu à questão que norteia meu trabalho:

- Como se constitui a Memória Socialmente Compartilhada pela Associação das profissionais do sexo de Parnaíba?
- Estaria à prostituição em Parnaíba em decadência?
- Como se constituiu o processo de tomada de consciência para que esse grupo se articulasse?
- De que forma surgiu em Parnaíba essa iniciativa?

O ano de 2011, a ser selecionada enquanto bolsista PIBIC-UESPI voluntária passeia ir a campo, isto favoreceu levantamento de informações que enriqueceram a investigação, 2012 marcou definitivamente a minha vida uma gravidez não planejada trazendo a tona toda a carga de preconceito que a minha avó sofreu na década de 50, meus pais e familiares temiam o fato de me tornar mãe “solteira”, e todos condenaram aos genes que carrego o fato de eu ter optado em ter meu filho.

O fato é que com isso as evidências discursivas em cima da terceira geração a que faço parte, ainda trazem sequelas sociais oriundas de um passado preconceituoso, fato este, que repito, influenciou na abordagem metodológica das histórias de vida. A efetuar as entrevistas foi permitido ao investigador conhecer e compreender determinado percussor de vida seja pessoal ou profissional e vice-versa, assim, a história oral temática possibilita a complementação informação documentada ou de evidenciar informações que ainda não foram efetivamente documentadas.

É necessário destacar que essa pesquisa se limitou a analisar a conjuntura da comercialização de compradores e vendedores que caracterizam a prostituição, sendo necessário citar que isso difere de dois outros fenômenos sociais, ainda que possam estar interligados em algumas situações: a exploração/abuso sexual de crianças e adolescentes e o tráfico de mulheres/trabalho sexual escravo.

Refletindo a cerca da carga de preconceito que os grupos integrantes “das minorias” sociais carregam consigo, a partir de então me propus realizar uma discussão que engloba aspectos peculiares da prostituição, em vista disso, houve a necessidade de se trabalhar a problemática dos mesmos trazendo para o espaço Parnaibano discursões a cerca da prostituição, abordando o contexto histórico, sócio econômico, cultural e psicológico dentro desse processo de exclusão, um estudo baseado não em documentos de atas oficiais, pois tais registros não refletem a microsociologia do poder, as redes de influência e não captam a atmosfera do grupo.

Quando se fala nesse grupo social, as prostitutas e em caso particular as de Parnaíba- Piauí, não se pode negar que esse é desfavorecido quando se trata de políticas públicas para a categoria, sobretudo em ações nas áreas de saúde e segurança. E outra problemática vivenciada por esse grupo esta nas questões de discriminações sociais, presentes nos comportamentos do restante da sociedade que exclui, ou quer excluir do seu convívio. Outro ponto sobre essa questão e a respeito da legislação vigente:

O código penal brasileiro não criminaliza a prostituição, por entender que ela não é um problema penal, mas social. Nem as prostitutas nem os clientes incorrem em penas. O Capítulo V do Código Penal, porém, considera crime punível com prisão induzir ou atrair alguém à prostituição, ou, ao contrário, impedir alguém de abandoná-la; criar ou manter casas ou locais para encontros libidinosos, havendo ou não intuito de lucro; tirar proveito da prostituição alheia; intermediar a entrada, o transporte, a transferência ou acolhimento no território nacional de pessoas que venham exercer a prostituição; facilitar a saída de pessoas para exercê-la no exterior.” (Ceccarelli, 2008).

O que vem a deixar no mínimo problemática a relação de como lidar com a prostituição especialmente no aspecto jurídico, em contrapartida há muitos países onde essa profissão é realmente legalizada e existe de fato e de direito.

Diante dos argumentos apresentados partimos em busca de um exemplo na Contemporaneidade a cerca da prostituição feminina, pois “Quando se trata da história recente, feliz o pesquisador que se pode amparar em testemunhos vivos e reconstituir comportamentos e sensibilidades de uma época”! (BOSI, 2003, p. 17), porém, é

necessário destacar que o pesquisador deve enfrentar o fato de que uma história de vida jamais substituirá um conceito ou uma teoria da história, depoimentos colhidos, por mais ricos que sejam não podem tomar o lugar de uma teoria totalizante que elucide estruturas e transformações econômicas, ou que explique um processo social.

Através do contato com o COAS (Centro de Orientação e Aconselhamento Sorológico), como registrada em ata de fundação nomearam como Associação das Profissionais do Sexo de Parnaíba (APROSPA), em assembleia estabeleceu como objetivos principais:

Discutir e aprovar o estatuto social, eleger e empossar os primeiros membros da diretoria e do conselho fiscal da entidade, que tem como finalidade, a contínua luta pela conquista de direitos e defesa da dignidade humana, especialmente a proteção contra discriminação e quaisquer outras formas de opressão, contribuindo permanentemente para a valorização das profissionais do sexo de Parnaíba.” (Ata de fundação 25.05.2007).

A presente pesquisa, utilizando-se da História oral Temática, surgiu com o intuito de conhecer a história e ações desta associação, no decorrer da pesquisa Histórica. Como já dissemos o projeto fruto é de PIBIC-UESPI com vigência 2011-2012, que possibilitou visitas contínuas observou-se bem como, desenvolvimento de práticas educativas no campo do trabalho sexual, debatendo temas identificados com direitos civis e saúde, deste modo uma interação necessária para o levantamento histórico do cotidiano da prostituição na cidade de Parnaíba, ou seja, da Memória Socialmente Compartilhada, tendo como grupo focal de estudo mulheres que integram a APROSPA-Associação das profissionais do sexo de Parnaíba.

Todo trabalho histórico padece da desvantagem inevitável de ter que trabalhar a partir de casos reais disponíveis e não de experimentos especialmente criados [...] (e por isso) os historiadores têm que testar suas ideias com um processo lógico muito semelhante ao da prova jurídica, sempre vulnerável à descoberta de evidência subsequente”. (THOMPSON, p. 322)

Diante da pesquisa proposta de se analisar a memória socialmente compartilhada pela associação das profissionais do sexo de Parnaíba/PI- APROSPA, durante os meses iniciais do cronograma acrescentou-se biografias, manteve-se um contato mais próximo participado de conferências locais de discussão sobre políticas públicas femininas em Parnaíba, participação de encontros de iniciação a pesquisa em

Fortaleza e Teresina para encontros importantes no sentido de amadurecimento crítico, sugestões discussão de novos caminhos.

Na pesquisa de campo não foi diferente juntamente com integrantes da Associação nos deslocamos várias noites em um transporte disponibilizado pela secretaria de saúde do município onde foram promovidas palestras sobre cuidados com o corpo e também compreender o mundo da prostituição, que serviram para uma compreensão geral dos pontos de encontros que se deslocaram do eixo centro e regiões próximas ao rio Parnaíba para bares novos nos bairros periféricos, o passo que foi vivenciado com a APROSPA, formação de um cadastro das áreas atendidas um mapeamento dos prostíbulos com a quantidade específica de cada bairro, participação primeira conferência municipal da mulher, até então estão sendo visitados 30, dentre eles prostíbulos: *novo bar*, *bar s.raimundo*, *dallas*, *xamego drink*, *casa sem reboco*, *bar lá em casa*, *bar reginhinha*, *bar das meninas*, *bar da ivonete*, *bar da guda*, *bar da viúva*, *bar do chaga*(2 estabelecimentos), *era só o que faltava*, *boa noite brasil*, *guarita*, *vila irmã dulce*, são alguns dos prostíbulos visitados e credenciados pela APROSPA, percebe-se que mensalmente é encontrada a formação de um novo principalmente no Bairro Piauí, como este descrito na tabela de anexo, atendendo 199 mulheres aproximadamente.

As integrantes da APROSPA mantém uma parceria com a secretaria de saúde do município, que fornecem preservativos e transporte para o deslocamento até os bares que servem como ponto de prostituição quinzenalmente visitam os pontos de encontro da cidade entregando preservativo e gel para as profissionais do sexo, aproximadamente 120 para cada, número esse de preservativo que às vezes não supre a necessidades de algumas, tendo que o trabalho ser refeito atividades de lazer e cuidado com o corpo são desenvolvidas e tem-se uma preocupação em estimular o uso de preservativo. Os períodos de grades fluxos carnaval, festas de fim de ano trabalho e atenção e cuidado em distribuir é dobrado como mostra a imagem ao lado.

Com as visitas percebe-se que o eixo atendido pela a Associação concentra-se nos bares outra modificação no quadro da prostituição em Parnaíba muito das entrevistadas são casadas e os maridos desconhecem a sua profissão, por isso utilizarei apenas as iniciais das entrevistadas, durante o dia doméstico, ao entardecer profissionais do sexo.

O roteiro das visitas começava assim logo cedo a Associação entrava em contato com os donos do bar para que comunicassem “as meninas”, como assim era

chamadas carinhosamente para poderem chegar ao bar as quatro da tarde onde iniciavam as rodas de conversa, o cenário era composto por mesas uma máquina de música logo começava, pois elas logo deveriam se produzir para esperam os clientes o ambiente era de descontração, palavreados e risos envolviam a reunião aguardavam atentas pela distribuição de preservativo algumas queriam muitas e mais gel.

Pode-se verificar nas visitas uma grande modificação na estruturação dos bordéis, elas deixaram de ser ponto de moradia, onde outrora as profissionais viviam efetivamente, para dar lugar aos bares, servindo apenas como ponto de encontro.

Às cinco da tarde a atenção delas para com a reunião já se dispensavam, ficavam ansiosas para a chegada dos clientes, exista entre elas uma espécie de companheirismo até o ponto que antecedia a entrada dos clientes, quando sentavam nas mesas para atender, disputavam os possíveis clientes com muita ferocidade, episódios em que elas teciam críticas físicas ou de desempenho na cama só pra se sobressair as demais.

No bar do Chaga, a principal clientela são homens moto taxistas que no fim do dia vão em busca de prazer sexual nos braços das profissionais, a presença da equipe que distribuem preservativo para eles já era natural, diferente do modo como me olhavam anotando as impressões, mas logo esqueciam que estavam sendo observados e continuavam a flertar com as meninas, bebida e mais bebida, a solicitação primordial do proprietário era fazer com que antes do acerto do programa o cliente consumisse uma bebida muito acima do preço do mercado.

Verificou-se também um rodizio das profissionais nos bares, algumas vindo até de outras cidades, questionei sobre o assunto, segundo as mesmas era uma forma de manterem-se como novidades.

O palavreado dentro de alguns bares era pesado, muitas mulheres compreensivamente não gostavam de ser incomodado, o sofrimento psíquico desenvolvido por algumas delas eram tão estrondoso, para elas manterem contato com o meio que tanto as excluía era uma afronta.

Deste modo analiso que o cenário e o perfil do grupo de mulheres atendidas pela APROSPA, compreende um grupo formado principalmente por mulheres negras, pobres.

## 2. PROCESSO DE TOMADA DE CONSCIÊNCIA-APROSPA

O tempo passou, surgiram novos campos temáticos de luta que geraram novas identidades aos próprios movimentos sociais, tais como na área do meio ambiente, direitos humanos, gênero, questões étnico-raciais, religiosas, movimentos culturais etc. Alguns movimentos transformaram-se em redes de atores sociais organizados, ou fundiram-se com ONGs, ou rearticularam-se com as novas formas de associativismo que surgiram nos anos 90; outros entraram em crise e desapareceram; outros, ainda, foram criados com novas agendas e pautas, como as recentes manifestações antiglobalização. Em suma, o novo associativismo é mais propositivo, operativo e menos reivindicatório – produz menos mobilização ou grandes mobilizações, é mais estratégico. O conceito básico que dá fundamento às ações desse novo associativismo é o de Participação Cidadã. O perfil do militante dos movimentos sociais se alterou e as teorias estão a exigir de nós explicações mais consistentes.

Gohn (2007, p. 07-08, 18)

A Associação surgiu com o propósito unir forças com outros seguimentos da sociedade civil, no enfrentamento da redução das infecções pelo HIV/AIDS. A histórica contribuição da mulher prostituta no Brasil sobre a memória do extermínio de muitas mulheres prostitutas que já lutaram ardentemente contra a construção de uma sociedade preconceituosa e discriminatória é fundamental.

Em nossas hipóteses este tipo de associativismo feito pela APROSPA, se insere no debate em torno da emergência dos “novos movimentos sociais” (GOHN, 2007), Ilse Scherer-Warren (1996, p. 49-50), diz ainda, sobre esses novos movimentos sociais, que:

Almejam atuar no sentido de estabelecer um novo equilíbrio de forças entre Estado (aqui entendido como o campo da política institucional: o governo, dos partidos e dos aparelhos burocráticos de dominação) e sociedade civil (campo da organização social que se realiza a partir das classes sociais ou de todas as outras espécies de agrupamentos sociais fora do Estado enquanto aparelho), bem como no interior da própria sociedade civil nas relações de força entre dominantes e dominados, entre subordinantes e subordinados.

De forma complementar, segundo (FRANCO 2010; p. 244):

No momento em que setores marginalizados, decidem conscientemente se organizar para impor certos limites às injustiças

sociais, tem-se um salto qualitativo na conquista de uma subjetividade contestadora, que se consolidara quando de sua participação ativa nas formas de resistência, reação social.

Daí, podemos afirmar que o germe de uma consciência política ganha importância na luta por melhores condições de Trabalho e saúde, sendo que estar consciente não é cruzar os braços.

Isto nos fez perceber o quanto ainda a crítica feita por Marx e Engels é atual, no sentido de que nos ajuda a compreender como as desigualdades causadas pelo sistema capitalista que é o germe causador da exploração do homem pelo homem proporcionando a miséria, gerando as contradições com as quais nos deparamos diariamente, na educação, no sistema público de saúde, por exemplo, que muitas dessas garantias mínimas à vida são transformadas em mercadorias, podem também, gerar consciência.

Dessa maneira deslocamos o nosso olhar para percebermos como através das diversas transformações pelos milhares de anos de interação com o meio o ser humano foi construindo-se em um intenso processo de ação-transformação, especializando-se ao passo que também, modificava a meio.

Isto porque para MARX “não é a consciência do homem que lhe determina o ser, mas ao contrário, o seu ser social que lhe determina a consciência”. Portanto percebemos que historicamente é através do embate entre o homem e a natureza que o ser humano foi se conscientizando.

Diluído neste contexto dos novos movimentos sociais no século XXI, o trabalho da APROSPA é contribuir para o resgate da autoestima das mulheres prostitutas da cidade de Parnaíba, tendo como foco principal a prevenção e combate a HIV/AIDS, valorizando assim a melhoria da qualidade de vida da população.

Em sua história de luta e consciência, os principais propósitos da associação, conforme projeto de fundação, são:

- Reconhecer o potencial das prostitutas em Parnaíba, mais sobre tudo do ponto de vista educacional e social deste público;
- Conquistar respeito para a mulher prostituta, que ela seja aceita e respeitada em sua dignidade na família, na escola, no trabalho e na sociedade;

- Refletir sobre a problemática das prostitutas em nosso país;
- Primar pela valorização dos vínculos familiares entre todas que estão envolvidos no contexto de mudança e pessoal, educacional e social;
- Desenvolver o espírito de amizade entre todos os grupos culturais e artísticos que contribuem para minimizar o preconceito contra o extermínio das prostitutas em nossa cidade;
- Valorizar a dedicação e o desempenho de todas as prostitutas que lutam noite e dia para construir uma sociedade mais justa, solidária e fraterna para todas.

Nesse sentido dando início a fundamentação teórica acerca das implicações no âmbito da psicologia social, observa-se que no exemplo descrito observa-se o processo de tomada de consciência e de pertencimento a um grupo social, ou seja, deixar o estado de alienação “naturalidade” aos fatos sociais, e cobrar do estado ações de políticas públicas, exigir preservativos, assistência do SUS (Sistema Único de Saúde), segurança, além de outros benefícios o mais importante dentro desse processo de tomada de consciência é a articulação de mulheres dentro da APROSPA, que deixou de ser dentro do nível individual passando para a consciência de classe.

A organização da APROSPA em Parnaíba mostra uma clara tentativa de fortificações de suas identidades através da busca de benefícios e direitos sociais que muitas vezes são renegados pelas discriminações da sociedade, que gerava consequências negativas em sua autoestima. Esse movimento de estruturação cria uma esfera organizacional para as profissionais do sexo o que fortalece a identidade profissional da categoria. (conforme livro de ata de fundação da APROSPA).

Em todo esse processo esta uma formação e conscientização de grupo, a APROSPA, o que vem a nos levar aos conceitos de processos grupais onde o ser humano é apresentado respectivamente como um ser *sociável* e um ser *socializado*, sendo assim, entende-se com isso que ele é, ao mesmo tempo, um *sujeito* que aspira interagir com os seus pares e, também, membro de uma sociedade que o constitui, quer ele queira ou não.

Vygotsky et. al. (1988) acredita que as características individuais e até mesmo suas atitudes individuais estão impregnadas de trocas com o coletivo, ou seja,

mesmo o que tomamos por mais individual de um ser humano foi construído a partir de sua relação com o indivíduo.

Já no que diz respeito ao estudo de Gênero em Psicologia Social, voltado para entender os processos de diferenciações entre homens e mulheres no que tange principalmente as diferenciações de poder, então podemos voltar nosso olhar para um estudo que venha a mostrar pontos de como foi constituída a questão da prostituição em nosso território.

Certamente para isso partindo de uma postura histórico-crítica, que vem a ser adotada pela Psicologia Social, analisando assuntos como; a manipulação de poder necessária para a construção e manutenção de “bordéis”, como também as relações de poder entre mulheres que se submetem a ação dos homens em seus corpos em troca de benefícios.

Em Psicologia estuda-se muito sobre as relações de trabalho, pois essas determinam os comportamentos presentes nos seres envolvidos nesse intercâmbio trabalho-trabalhador. Sobre esse ponto, a ação do Psicólogo dentro do trabalho no caso das atividades exercidas pelas profissionais do sexo em Parnaíba, esta a possibilidade de escuta voltada para o resgate ou mesmo constituição de uma consciência crítica que tome para si um novo olhar sobre suas condições de trabalho. Essa possibilidade de ação do psicólogo seria facilitada, pois já existe um grupo, “APROSPA”, que a se destacar por estar se articulando para beneficiar suas associadas. Articulamos nossas falas a do autor que mostra sistematicamente a ação do psicólogo dentro do campo do trabalho:

Em síntese, pode-se dizer que a tarefa básica do psicólogo consiste em compreender como os indivíduos constituem-se, em uma dada época, a partir do desvendamento das formas de interação social e das formas de produção e reprodução da existência, e, para efetivar essa tarefa, deve partir dos indivíduos ativos e de sua autoprodução como resultado de sua própria atividade.” (CREPOP, 2008, p. 44).

No que diz respeito à psicologia comunitária, no processo de formação da APROSPA, empregou outro aspecto da psicologia social com as significativas mudanças que ocorreu ao longo do contexto social de Parnaíba, a psicologia da comunidade que constitui as expressões da comunidade, ligadas as questões de saúde, referindo ao momento sócio histórico Parnaibano, envolvidas através da mediação dos órgãos prestadores de serviços e políticas públicas, em favor da existência desta micro

comunidade, pois, Lane (1992), acentua que o grupo é condição fundamental para o desenvolvimento da consciência, no qual um membro se descobre no outro, espelhando-se conjuntamente.

Existe uma postura das profissionais do sexo de Parnaíba em busca de solidificar seus direitos construindo a própria concepção de si e do grupo, por meio das ações sociais, articulando os trabalhos de conscientização para o pleno exercício da cidadania.

Isso aponta para modificações ocorridas na atualidade, no referente às organizações políticas, onde grupos específicos percebidos como “minorias” sociais vêm ganhando mais visibilidade, deste modo:

Pesquisador e pesquisado se definem por relações sociais que tanto podem ser reprodutoras como podem ser transformadoras das condições sociais onde ambos se inserem; desta forma, conscientes ou não, sempre a pesquisa implica em intervenção, ação de uns sobre os outros. (Lane 1985, p.18).

Diante da problemática esplanada no decorrer deste trabalho é necessário destacar a grandiosidade da articulação social dos integrantes das “minorias” sociais, processo esse de tomada de consciência crítica que no Brasil, os sindicatos e associações de profissionais do sexo surgem a partir da década de 80, nesse sentido Parnaíba mostra um pioneirismo no Estado do Piauí, na modificação nas representações sociais das prostitutas, como apresenta:

Apresenta o fenômeno das representações sociais a partir do entendimento de que os indivíduos, “... mediante inumeráveis episódios cotidianos de interação social, produzem e comunicam incessantemente suas próprias representações e soluções específicas para as questões que se colocam a si mesmo...”. (Sá, 1993, p. 28)

Assim, diante de uma realidade social, procura-se tornar um novo objeto em familiar, incorporá-lo ao repertório interpretativo que o sujeito ou o grupo possui sobre o modo como explica as vivências do cotidiano. Dessa forma, buscará classificar e denominar o objeto atribuindo uma nova significação, enquanto mecanismo de ancoragem, e materializar a palavra por meio de uma equivalência não verbal, ou seja, uma imagem que possa conter os sentidos sobre esse objeto incorporado, mecanismo de objetivação.

### 3.0. Memorial da experiência das profissionais do sexo de Parnaíba

A Metodologia da abordagem biográfica, da história Oral temática de vida de prostitutas Parnaibanas, realizada através de entrevistas, permitiu ao investigador conhecer e compreender determinado percurso de vida seja pessoal ou profissional evidenciando fatos e produzindo fontes inéditas.

No que diz respeito à confidencialidade e o anonimato esta investigação de caráter qualitativo com recurso à metodologia histórias de vida levantou algumas preocupações de caráter ético durante a realização da investigação, as quais foram estudadas com interesse e cuidado de modo a não ferir susceptibilidades. Assim, ao lidar com memórias, recordações, confissões é necessário preservar o direito de cada um à sua privacidade.

Em virtude do fato da pesquisa Histórica em questão, trabalhar com fontes históricas onde mulheres seriam ouvidas e suas informações manuseadas com muita precaução houve a preocupação em obter quando projeto PIBIC-UESPI uma aprovação perante o conselho de ética.

Durante o processo de entrevistas gerou-se uma grande empatia entre investigador/investigação o que levou, por vezes, à exteriorização de certos assuntos não gravados por ordem da investigação de certos assuntos não gravados por ordem do investigado, por isso, só torna-se públicos os assuntos gravados.

Utilizados recursos da história oral temática que onde foram colhidos depoimentos de profissionais do sexo, Com a História Oral temática, como pontua Sonia Maria de Freitas:

A entrevista tem carácter temático e é realizada com um grupo de pessoas, sobre um assunto específico. Essa entrevista – que tem característica de depoimento – não abrange necessariamente a totalidade da existência do informante. Dessa maneira, os depoimentos podem ser mais numerosos, resultando em maiores quantidades de informações, o que permite uma comparação entre eles, apontando divergências, convergências e evidências de uma memória coletiva, por exemplo.”

Respeitando e mantendo no decorrer da pesquisa sempre uma postura ética, onde foi solicitada a participante a assinatura de um termo de consentimento livre e esclarecido, onde as informações e os dados obtidos das participantes serão manuseados com total sigilo e anonimato, como pontuou Portelli:

O testemunho oral tem sido amplamente considerado como fonte de informação sobre eventos históricos. Ele pode ser encarado como um evento em si mesmo e, como tal, submetido a uma análise independente que permite recuperar não apenas os aspectos materiais do sucedido como, também, a atitude do narrador em relação a eventos, à subjetividade, à imaginação e ao desejo, que cada indivíduo investe em sua relação com a história” (1993: 41).

Outros mecanismos de apoio foram às rodas de conversas que são dispositivos de construção dialógica que produzem conhecimentos coletivos e contextualizados, onde é negociado saberes, dúvidas medos e angústias, as rodas de conversas ofereceram espaço de fala para as pessoas sobre assuntos até antes proibidos, permitindo a desconstrução de dúvidas e mitos e a socialização de medos e anseios se configuraram como uma rica estratégia de produção dialógica serviu como espaço de descontração e fortalecimento de contato amistoso e troca de confiança.



Pois não foi nada fácil chegar a um grupo massacrado socialmente que se posiciona traumáticamente na defensiva perante a sociedade, logo os primeiros encontros com as rodas de conversas foram cruciais para desenrolar do fatos Paiva (2002), assumindo a perspectiva da educação libertadora de Paulo Freire (1970; 1996), compreende-se que o conhecimento quando é imposto e não proposto, depositado ao invés de construído e compartilhado, não é possível a formação de sujeitos-cidadãos críticos, autônomos e responsáveis por sua própria saúde e bem-estar.

É através desse processo dialético envolvido por informação e interpretação entre história e comunidade, que a finalidade da história é transformada. Nesse sentido,

“a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente a sua tradição” .

Ecléa Bosi reconhece que as lembranças evocadas e transmitidas por um sujeito estão presas à sua trajetória de vida, o que lhe permite oferecer um testemunho das transformações ocorridas ao seu redor e, ao mesmo tempo, produzir uma análise das mudanças por ele percebidas, Bosí (1994, p.39, 47), comenta que:

A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vivas recordações afluíam depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão. Muitas passagens não foram registradas, foram contadas em confiança, como confidências. Continuando a escutar ouviríamos outro tanto e ainda mais. Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito [...] a memória é essa reserva crescente a cada instante e que dispõe da totalidade da nossa experiência adquirida.

Nestes termos, inspirada pela obra de Eclea Bosi, Lembranças de Velhos, aqui narramos, as transcrições das entrevistas por nós produzidas, que em nosso entender são fontes inéditas e vivas da memória socialmente compartilhada de algumas profissionais do sexo em Parnaíba.

### 3.1. Maria de Lurdes presidente da Associação

Eu me chamo Maria de Lurdes Pereira do nascimento atualmente conhecida como Lurdinha tenho 52 anos de idade é moro na comunidade Igaracu atualmente casada mãe de seis filhos, mas eu dirijo uma entidade por nome chamada **APROSPA** que é associação das mulheres prostitutas de Parnaíba, onde já estou vou fazer quatro anos né dois mandato, mas dois mandato de renovação de diretoria da associação, dada essa confiança pelas mulheres prostitutas de Parnaíba.



O que veio me interessar por esta organização foi da necessidade de ver a possibilidade das mulheres se organizarem e onde surgiu um encontrão de três dias com 40 mulheres que aconteceu lá no antigo espaço vip que hoje é a casa das comunidades e

de lá a partir daí foi decidido que elas gostariam de que fosse criada a associação por que? E para que? Porque elas estavam muito soltas, né onde havia um trabalho feito por agentes multiplicadoras, mas não tinha aquela organização entre si entre elas e a partir do encontro que houve tanto de entrosamento como de conhecimento na área da saúde na área de direito elas sugeriram que fossem criada a associação pra que elas pudessem ter mais conhecimento e serem mais organizadas desde aí então de 2007 até agora nós mantemos a associação através das mulheres não é que elas pagam, mas tem o conhecimento de que elas precisam ser mais vistas cidadãs como mulheres como profissionais que são e pra mim foi muito importante até hoje de estar comandando esta organização porque na verdade hoje tem quase já 200 mulheres que aonde a associação acompanha tanto na área de prevenção a sua saúde a sua pessoa como na no encaminhamento no setor jurídico quando há necessidade.

E foi por isso que consegui até hoje ganhar esse espaço pra que elas pudessem a ter a confiança de acreditar na gente foi renovado à diretoria da associação no ano passado em 2012 no início de 2012 maio né e estamos mantendo até agora, bem a nova diretoria e tem as mulheres onde nos acompanhamos nos bordéis são trinta bordéis que a gente trabalha na cidade de Parnaíba na medida que surge um a gente vai até aquele bordel cadastra e fica mantendo o contato com as garotas que lá existe os bordéis tem as pessoas que moram mas tem as pessoas que no momento fazem ponto então todas elas são atendidas com o nosso acompanhamento a gente consegue conquistá-las para que elas cheguem até o Coas CTA de Parnaíba que elas façam um teste de HIV elas exigem a camisinha feminina dizem que o homem ainda tem homem que não gosta de usar o preservativo e elas na verdade como querem se prevenir solicita graça a Deus hoje tem bastante é material educativo pra que possa estar estendendo até elas graças a Deus.

E qual foi a necessidade a grande necessidade foi porque também eu já me senti como uma mulher é na verdade já fui solteira mãe solteira já andei em ambiente e lá a gente via cada necessidade das pessoas e não é por isso que eu queira deixar as minhas colegas de fora então eu faço parte também desse mundo e ajuda-las graças a Deus tanto espiritualmente como levando os conhecimentos até elas e pra melhor dizer temos apoio da secretaria municipal de saúde e do Coas CTA de Parnaíba na pessoa da Dr. Alice Vitória e no setor jurídico temos tanto o Dr. Marcos Siqueira como o Dr. Laercio Nascimento que é nosso parceiro na área jurídica tanto no setor da defensoria pública como do advogado na pessoa do Dr. Laercio e pra finalizar e agradecer a Deus por tá podendo ajudar minhas colegas, de um forma ou de outra na área da prevenção da

educação e na parte de encaminhamento jurídico e obtendo conhecimento né porque a gente nunca deixa de aprender sempre você consegue aprender na convivência daquilo que você faz e assim é o meu trabalho como coordenadora da associação das mulheres prostitutas de Parnaíba, gostaria de agradecer por alguém querer conhecer o nosso trabalho como organização.

Ainda gostaria de dizer que associação foi criada no ano de 2007 tomamos e a partir daí tivemos mais alguns avanços porque nos conseguimos cadastrar associação no conselho de assistência social do município e ainda com dois anos tivemos um grande avanço de ser da associação ser ter reconhecida como utilidade pública, mas antes da associação ser realmente uma entidade existiu um projeto esse projeto foi feito pela Alice vitória nossa coordenadora do CTA com a parceria da prefeitura municipal de Parnaíba que foi encaminhada ao ministério da saúde e foi aprovada.

O nome do projeto era projeto noite de vênus porque noite e vênus porque as meninas trabalhavam na balada na calada da noite caminhando eram quatro garotas que foram capacitadas e elas receberam o nome de agentes multiplicadoras essas quatro agentes eram que fazia a multiplicação do trabalho preventivo nos bordéis a onde elas moravam e aonde elas também iam em outros locais foi indo foi indo a gente sentou conversamos é, e pensamos e que poderia na verdade ter uma entidade uma associação com a participação de mulheres prostitutas, profissionais do sexo, é então todo dia 25 de maio a associação aniversaria nos períodos fortes nos rodamos ate nove horas da noite é fazendo entrega de preservativo e visitando os locais também como carnaval nos períodos de férias na vira de ano então são estes momentos fortes que nos temos mais atuação mais frequente e durante o mês nos visitamos de quinze em quinze dias os locais quando é feita a disponibilidade de um transporte para que nos podemos nos dirigir aos locais então a parceria da secretaria é tão importante pra nós porque as agente multiplicadoras elas faziam isso era caminhando e hoje não a gente tem o transporte espero que de continuidade espero que o município não perca esse fio de meada de dar a oportunidade de fazer parte da parceria com a associação.

### **3.2 Raimunda Silva (Bar do Chaga)**

Boa tarde, vamos lá começando me chamo Raimundinha, tenho 24 anos trabalho nesse ramo desde os 16 anos, moro com minha mãe e minha filha de quatro anos sou profissional do sexo por que gosto, mais aqui em Parnaíba tem muito preconceito outo

dia fui no posto de saúde pegar remédio e conversando com a moça que trabalha lá ela me perguntou de que trabalhava eu disse sou prostitutas ela disse mulher tu anda de calça cumprida( kkkk...),risos, vocês não andam ne de skort curto, disse a ela que não sou puta mais faço programa quando quero e com quem quero, tem mulher por ai que é escrava do marido empregada dele de dia e a noite ainda apanha se não quiser transar, oche a única coisa que fico triste é com os comentário da minha rua minha filha de 5anos já pergunta mãe por que a senhora vai tanto para o bar, tenho medo da reação dela quando enterder o que faço, o dimais não ligo, bom a associação trouxe pra nois mulher que fazemos ponto aqui no bar do chaga coisa muito importante hoje doença sexual hoje a gente fica bem atenta, a camisinha feminina é que mais uso ora tem muito homem que não que usar a camisinha masculina diz que é mesmo que tá chupando bombons com casca...(risos),espero ansiosa o Gelsinho que elas distribuem porque não confio muito na camisinha não, fico atenta se ela rasgar as vez fico ali fingindo tá gostando, gemendo o cara fica doidão que nada to preocupada é se rasga, tem vez que a associação marca festa outro dia mesmo teve aqui no Chaga( risos) uma caranguiejada com muitas mulher que faz ponto foi diferente por que foi um lazer só foi pra nois mesmo, então é isso a gente se sente amparada pela Associação.

### **3.3 Francisca Aparecida Brito (Casa sem reboco)**

Tenho 28 anos sou prostituta de profissão, faço ponto aqui no bar a casa sem reboco, essa vida é dureza sou pobre o que ganho aqui é pouco, por isso trabalho em casa de família de dia e a noite venho pra cá, assim não é todo dia que consigo um programa ontem mesmo não fiz nenhum, chego cedo aqui vou lá pra frente pra mesa, começo a tomar umas cerveja a casa aqui ganha em cima da cerveja então temos que fazer o cara beber, no outro dia to morta, mas tenho que encarar o serviço, com associação, a gente tem garantido a assistência as vez quando precisa tirar algum documento a gente fala ali com a dona Lurdinha ela encaminha diz onde a gente deve ir fala com gente que pode nos ajudar é muito bacana, faço ponto não porque gosto mas por que sei lá ,fia quando a gente começa é difícil sair até porque a gente precisa a família da gente nos enxota ai quando a gente vê já tamos de novo lá aqui no bairro Piauí to vai encontrar é muito bar aqui é só o que tem.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa de conclusão de curso teve como objetivo levantar historicamente na Contemporaneidade ações da APROSPA (Associação das Profissionais do sexo de Parnaíba), durante o percurso culminante foram desenvolvidas atividades e visitas nos Prostíbulos Parnaibanos, onde se verificou a condição de pobreza e miséria que se encontra mulheres.

Trabalhar com APROSPA foi uma experiência única romper com tabus, preconceitos próprios, vivenciar situações e até momentos de risos serviram como reflexão acerca da precariedade exclusão que perdura secularmente, verifica-se também o quanto as famílias agem desamparando a mulher que segue “o caminho errado”, como é descrito pelos familiares, minha avó, por exemplo, a quem serviu de base a minha pesquisa foi criticada por anos, vivenciou os medos e as angústias, porém quando engravidei antes do casamento foi a primeira a tecer críticas, porém verifica-se que os danos são tão grandes ao aparelho psíquico que ela acabou repetindo ações sofridas.

O que aconteceu com a APROSPA foi diferente a Dona Lurdinha como assim carinhosamente é chamada pelas profissionais, sofreu os mesmo preconceitos por ser mulher solteira com assim ela se descreveu, tinha tudo pra desenvolver o mesmo comportamento de vergonha e negação, mas agiu diferente rompeu o estigma do preconceito o processo de alienação, chamou uma responsabilidade que não era só sua, mobilizando 4º mulheres inicialmente hoje quase duzentas o poder de transformação de um grupo é espetacular quando ações individuais visam o todo.

A condição de mulheres casadas anonimamente se prostituírem, mostra a condição de decadência econômica muitas agem por necessidade outras por satisfação da própria libido, a Associação tem um papel social muito importante, age contra uma inimigo poderoso o HIV, discursos das conversas de rodas durante a visitas pode-se constatar a condição vulnerável de algumas mulheres quando tocava-se no assunto muitas desconhecem as doenças sexualmente transmissíveis e mostram-se tranquilas ao fato de um parceiro não apresentar características de perigo.

Verificou-se também que existe dentro desses ambientes mulheres de fibras, garra, o discurso de uma dela foi inesquecível quando ela me olhou no olho e disse que não tinha vergonha de ser profissional do sexo, pois existia muita mulher por ai que era casada e escrava do fogão.

Diferentes formas para atingir estes objetivos, foram utilizadas diferentes estratégias metodológicas como a visita a áreas de prostituição, a observação participante, a coleta documental e o registro em diário de campo.

Diante do tema em questão verificou-se no Estudo um grande número de profissionais do sexo em Parnaíba, lembrando que este número de 199 mulheres temporariamente cresce dentro do espaço da Associação, sem contar aquelas que fazem programa fora desse espaço, observa-se diariamente a condição de pobreza em que se encontra a maioria delas, verifica-se logo ao amanhecer em lanchonetes como a Delta e Rodoviária logo cedo o primeiro desjejum, na pesquisa observou-se que algumas delas por não conseguir o suficiente para comprar um salgado compram a prazo, percebe-se, no cadastro delas o quanto de ponto de prostituição existentes no bairro Piauí.

Para tanto metodologicamente analisando os discursos inúmeros são as justificativas de se restituírem algumas fazem por que gostam outras porque o meio econômico impõe, o evidente é que ainda perdura a carga de preconceito, porém a visibilidade destes grupos excluídos historicamente muda de configuração, e através da História oral problematização e produzem fontes inéditas.

Analisar essa problemática do ponto de vista da História Social foi produtivamente e essencialmente incrível. Como pessoa houve mudanças, o tocar de mãos, os abraços ao simples agradecimento, a gentileza como fui amparada mostraram que o pesquisador social não reproduz ou produz simplesmente ele historicamente também é modificado experiências vividas, ao tempo em que interage com essa memória socialmente compartilhada.

## 5. REFERÊNCIAS

BRASIL. Câmara Federal. *Projeto de Lei n. 98 de 2003* (do Sr. Fernando Gabeira). Brasília: Câmara Federal, 2003 a.

ANTUNES M. C.; STALL R.; HEARS N.; PAIVA V.; PERES C. A.; PAUL J.; HUDES M. **Avaliação de um Programa de Prevenção da AIDS entre jovens de Escolas Públicas Noturnas de São Paulo**. Original publicado na revista: AIDS, v. 11, sup 1, London, setembro de 1997.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CECCARELLI, Paulo Roberto, **Prostituição - Corpo como mercadoria**. In: Sexos a trama da vida: Rev. Mente e Cérebro; Vol. IV, São Paulo: Duetto Editorial, 2008.

Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas (CREPOP). **Saúde do Trabalhador no âmbito da Saúde Pública: referências para a atuação do (a) psicólogo (a)** / Conselho Federal de Psicologia (CFP). -- Brasília, CFP, 2008.

CODO, W. (2004). **Relações de trabalho e transformação social**. Em: S. Lane e W.Codo (orgs.). *Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense.

Crespo, Jorge. **A história do corpo**. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil/Lisboa : DIFEL : Fundo de Fomento do Desporto, 1990.

DEL PRIORE, Mary. “História das Mulheres: as vozes do silêncio”. Pp. 217-235.

FERREIRA, M.M.; FERNANDES, T.M.; ALBERTI, V (orgs.). **História Oral: Desafios Para O Século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fio Cruz/ Casa de Oswaldo Cruz/ CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática pedagógica. São Paulo: Paz e terra, 1996.

FREITAS, M. de F. Q. de (1996). **Psicologia na comunidade, psicologia da comunidade e psicologia social comunitária**. Em: R. H. de F. CAMPOS (org.). *Psicologia Social Comunitária – da solidariedade à autonomia*. Petrópolis: Vozes.

GIULANI, Paola Cappellin. **Os movimentos de trabalhadoras e a sociedade brasileira** In: PRIORE & BASSANEZI. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2002.

GOHN, Maria da Glória (Org.). *Movimentos Sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais*. 3. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

GRISCI, C. L. I. E LAZZAROTTO, G. R. (1998). **Psicologia Social no Trabalho**. Em: M. da G. Jacques (org.). *Psicologia Social Contemporânea*. Petrópolis: Vozes.

LANE, S.T.M., *O que é psicologia social?* Brasiliense, 1981

LE BRETON, David. *A Sociologia do Corpo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007. LANE, S.T.M., *O que é psicologia social?* Brasiliense, 1981.

PORTELLI, A. **Memória e diálogo: desafios da história oral para a ideologia do século XXI**. In: Ferreira, M., M., Fernandes, M., Alberti, V. (orgs.). *História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro-RJ. Editora Fiocruz. 1ª Ed. p.67-72. 2000.

ROBERTS, N. **As prostitutas na história**. Tradução de Magda Lopes. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1998.

Sá, C. P. (1993). **Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria**. In: Spink, M.J. (org.). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. (pp. 19-45). São Paulo: Brasiliense

SCHERER-WARREN, Ilse. *Redes de movimentos sociais*. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.

THOMPSON, E.P. **A miséria da teoria, ou um planetário de erros**./Tradução de Maltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, P. **A voz do passado – História Oral**. 2. Edição. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1996.

## ANEXOS

1. Ata de fundação da Associação das Profissionais do Sexo em Parnaíba- Piauí.
2. CNPJ.
3. Publicação no diário oficial do municio com a criação da associação pela lei n° 2.431, de 23 de Abril de 2008.
4. Registro em cartório da associação.
5. Aprovação da Câmara Municipal Pela criação da associação.  
Estatuto da